



LISBOA — HOSPITAL DE S. JOSÉ.

O PRIMEIRO hospital geral que houve em Lisboa foi fundado por D. João II, que lhe lançou a primeira pedra a 15 de maio de 1492, e concluído por D. Manuel. Denominava-se de *Todos os Santos* ou *D'El-rei*: era um vasto edificio, situado onde está actualmente a praça da Figueira, tendo a fachada principal para o Rocio (Praça de D. Pedro). A architectura era magnifica; o portal da igreja passava até por uma das obras mais aprimoradas d'aquelle tempo. As suas enfermarias eram nada menos de 16; tinha tambem 4 casas para doudas, 5 para doudos; asylo para os engeitados, e o hospicio do Amparo para invalidos; o numero de camas n'aquellas enfermarias era de 324!

Este soberbo hospital, bem organizado e optimamente dotado pela piedade e munificencia dos nossos monarchas, e pelos legados de alguns particulares, padeceu um incendio em 27 de outubro de 1601, que reduziu a igreja a cinzas. Reedificado por D. João V, soffreu novo incendio em 10 de agosto de 1750, escapando apenas a enfermaria chamada de S. Camillo.

Estavam já mui adiantadas as obras da sua reedificação, quando o horrivel terramoto de 1755 o destruiu completamente. Então os infelizes enfermos, que escaparam ao sinistro, foram conduzidos para as chamadas cabanas do Rocio, sendo depois transferidos para umas cocheiras do marquez de Castello Melhor.

Entretanto começavam e progrediam rapidamente as obras de reconstrucção das antigas enfermarias, para onde em 1763 se passaram os doentes; mas depois da extincção dos jesuitas, e de confiscados para a corôa todos os seus bens, o marquez de Pombal resolveu converter em hospital geral o vastissimo collegio de S. Antão, onde hoje se acha effectivamente, com a denominação de *S. José*, em honra do monarcha, que decretou a sua applicação para tão charidoso fim.

O antigo collegio de S. Antão, começado já no tempo da dominação castelhana, concluiu-se em 1594 ou 1595, tendo porém os jesuitas tomado posse do edificio em 8 de novembro de 1593.

É um edificio de robusta e magnifica construcção; e com os successivos melhoramentos, que se lhe tem feito, pode considerar-se um dos melhores hospitais da Europa, posto que não fosse primitivamente destinado para recolhimento de enfermos; e por isso lhe faltassem ao principio certas condições essenciaes em estabelecimentos de similhante natureza.

O que ha a dizer do hospital de S. José, cuja origem fica compendiada nas antecedentes linhas, não pode resumir-se em um só artigo, e portanto nos seguintes numeros daremos mais particular informação, assim da forma e disposições do edificio, como da sua administração e estado actual, afim de que possa devidamente avaliar-se a importancia de tão grandioso estabelecimento.

OS IMPÉRIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

XV.

Ousada resolução de Carlos XII: prisão dos embaixadores da Russia: alternativas na questão da paz e da guerra com esta potencia: guerra com a republica de Veneza, e depois com a Alemanha: tratado de paz de Passarowitz: guerra com a Persia, e desmembração d'este reino: desordens e insurreições em diversos pontos do imperio ottomano: deposição de Achmet III.

Em cumprimento do tratado negociado por Youçouf, foi intimado el-rei da Suecia para sair immediatamente do territorio turco. Foi então que teve lugar um feito talvez unico na historia geral das nações, feito extraordinario de resolução e coragem, que poz em relevo aos olhos de toda a Europa o caracter singular de Carlos XII.

A' intimação de sair do solo ottomano respondeu com uma recusa absoluta. Todas as representações amigaveis, e todas as ameaças, que lhe foram feitas da parte do sultão para o induzirem a renunciar aos seus loucos projectos, tinham uma resposta negativa tão firme e energica, que o grão-vizir resolveu-se a empregar os meios da força.

Primeiramente em campo aberto, e depois entrincheirado na sua residencia de Varnitza, e cercado de uns quatrocentos companheiros de armas e de infortunio, apresentou tão desesperada e tenaz resistencia, que a final vieram mais de vinte mil homens, commandados pelo proprio grão-vizir, pôr cerco a essa praça improvisada. E ainda assim, na presença de forças tão desproporcionadamente superiores, alentado pela esperança, que nunca fallecia em sua grande alma, pela esperança de que, ganhando tempo, a sua sorte podia mudar de um momento para outro pelo esforço dos seus amigos, que não descansavam em suas diligencias; ousou esperar com as armas na mão o assalto geral das tropas sitiadoras! Combateu e resistiu até á ultima extremidade, e quando se viu vencido pelo numero, tendo já visto cair em torno de si a maior parte dos seus bravos soldados, mandou lançar fogo á casa para que o incendio lhe favorecesse a evasão. Aprisionado ao sair do meio das chammas, foi conduzido ao castello de *Demirtach* (pedra de ferro), e d'ali a *Demotika*, para depois ser levado á fronteira; o que não chegou a verificar-se por que a sua teimosa resistencia deu occasião a operar-se na politica do gabinete ottomano a mudança que elle desejava.

A conclusão d'aquelle tratado tinha sido o toque de rebate no centro do partido anti-russiano. Aos esforços desesperados, que o rei Carlos fez para se conservar no paiz, responderam todos os seus amigos pondo-se em campo, e redobrando de actividade e diligencias. O vergonhoso procedimento do grão-vizir para com o real hospede de Achmet III, escandalizou tanto este soberano e a toda a nação, a opinião publica pronunciou-se tão abertamente contra os seus auctores, que estes foram logo demittidos e castigados. El-rei de Suecia obteve permissão de ficar em *Demotika*, e foi-lhe renovada a pensão.

As questões e desintelligencias, que se suscitaram por occasião da demarcação de territorio entre os commissarios por parte dos dous imperios, russo e turco, serviram de pretexto para se interromperem as relações, e em seguida para se dar o tratado por annullado e a guerra declarada de novo. Assim a demissão do grão-vizir Youçouf e do Mufti, seguiu-se

de perto a prisão dos embaixadores do czar no castello das *Sette Torres* (19 de novembro de 1712).

Khodja Ibrahim foi nomeado grão-vizir em substituição de Youçouf, mas a sua boa vontade em nada aproveitou aos amigos d'el-rei de Suecia. Querendo primeiramente afastar dos conselhos do sultão todas as influencias propicias á Russia, tratou desde o dia da sua elevação ao poder de minar o credito e valimento de Damad Ali pachá, genro do sultão. Em resultado da lucta, que se travou entre o grão-vizir e o valido, foi demittido Khodja Ibrahim, e o seu rival elevado ao grão-vizirato.

Damad Ali pachá gosava ha muito da privança do soberano, e posto que nunca tivesse querido sujeitar-se á responsabilidade de ministro influia comtudo poderosamente no governo do estado, fazendo pesar todo o seu valimento na balança da paz, mais por convicções do que por affecto á Russia. A sua ascensão ao poder tirou, portanto, todas as esperanças ao partido opposto; pois que além d'este ministro ter por ponto de apoio a inteira confiança do sultão, dispunha de muitos recursos, que lhe eram fornecidos pelos seus dotes intellectuaes, por algumas excellentes qualidades physicas, e por uma certa popularidade que de tudo isto lhe provinha. Por conseguinte sem mais demoras nem rodeios negociou com a Russia um tratado de paz por 25 annos, que foi assignado em Adrianople.

Então, e só então, desesperou Carlos XII de conseguir uma alliança com a Turquia. Reconhecendo pois a inutilidade da sua persistencia n'este imperio, e cedendo aos rogos da sua familia e de seus subditos, que requeriam encarecidamente a sua presença; decidiu-se a regressar á patria. Saiu finalmente da Turquia no primeiro de outubro de 1714. O sultão concedeu-lhe uma escolta de seiscentos homens, e fez-lhe presente de oito formosos cavallos da melhor raça, de uma barraca de campanha de tela mui rica e bordada de ouro, e de uma espada guarnecida de pedras preciosas.

Damad Ali viu como habil politico a necessidade de recorrer á guerra para entreter o exercito, fóco de todas as insurreições, e para acabar com os partidos, ou, pelo menos, para chamar para outro ponto as attentões das duas parcialidades, que accendiam no coração do imperio a mais perniciosa lucta de intrigas e influencias estranhas.

Resolveu-se pois em conselho a reacquisição da Moréa. Uma revolta no Montenegro, excitada pela republica de Veneza, e alguns outros agravos, deram pretexto ao governo ottomano para romper o tratado de Carlowitz. A guerra foi declarada em janeiro de 1715, e nos fins de novembro d'esse mesmo anno, achava-se a Sublime Porta de posse da Moréa, e de todas as ilhas do archipelago, de que os venezianos se haviam apoderado nos anteriores reinados.

O regresso do grão-vizir foi festejado com acclamações dos povos por onde passava; e a sua entrada em Adrianople, onde se achava a côrte, foi celebrada com pomposas festas, que faziam recordar as solemnidades dos triumphadores da antiga Roma.

Segundo a opinião de alguns historiadores, essas victorias alcançadas contra a orgulhosa Veneza, e os applausos prodigalisados ao vencedor pelo paiz inteiro, sopraram no peito do grão-vizir tão grande vaidade, que desde logo ardeu em desejos de medir seus talentos e bravura com os do principe Eugenio, a quem a Europa dava o primeiro lugar entre os maiores capitães do seu seculo.

Todavia parece-nos, e é bem que se diga em honra do estadista musulmano, que n'uma questão de tamanha gravidade não se deixou levar simplesmen-

te por impulso do amor proprio. Sabia, e com fundamento, que a republica de Veneza tratava secretamente com o imperador de Allemanha, para que intervindo este soberano na violação do tratado de Carlowitz, a ajudasse a recuperar as possessões que esse tratado lhe affiançara. E era muito de presumir que o monarcha, que mais vantagens colhêra d'esse tratado, accedesse em fim ás solicitações da republica, oppondo-se a que fosse por diante similhante violação. Em taes circumstancias convinha não deixar esfriar o ardor bellico dos soldados, nem o entusiasmo popular. Eram dous auxiliares de alta valia na grande contenda, que se ia empenhar.

Começava Damad Ali a dispor as cousas para a nova campanha, quando o imperador Carlos VI mandou offerecer a sua mediação na desavença da Turquia com Veneza. A recusa serviu-lhe de auctorisação para infringir pela sua parte o tratado de Carlowitz. Publicou-se logo a alliança da Allemanha com a republica, e o sultão foi intimado para restituir aos venezianos as possessões, que lhe haviam sido garantidas por aquelle tratado, e além d'isso a indemnissal-os das despesas de guerra. A' resposta negativa dada a estas exigencias succedeu-se a declaração official da guerra.

O exercito turco dirigiu-se a Belgrado, levando á sua frente o grão-vizir. As avançadas dos dous exercitos encontraram-se perto de Carlowitz, tão memoravel nos annaes da Turquia pelo fatal tratado que se concluiu e assignou n'essa povoação.

Travou-se ahí o primeiro combate, e d'elle levaram os turcos a melhor. Não tiveram porém igual fortuna na acção geral, que teve logar poucos dias depois em Peterwardein entre o grosso dos dous exercitos. Elevava-se o ottomano a 150 mil homens; o do imperador de Allemanha não contava mais de 80 mil.

No fim de cinco horas de duro combate os louros da victoria ornavam a frente do principe Eugenio. A estrategia d'este grande general envolveu e desconcertou por tal modo as tropas turcas, que fugindo em todas as direcções, abandonaram o campo ao inimigo, e n'elle consideravel despojo de artilharia, estandartes e bagagens. Damad Ali pachá, vendo o destroço dos seus, e desvanecida a derradeira esperanza, procurou no meio das phalanges inimigas uma morte gloriosa (5 de agosto de 1716).

Entre as avultadas perdas, que o imperio ottomano soffreu n'este dia, nenhuma foi tão importante como a d'este ministro, que a historia com razão colloca a par dos primeiros homens d'estado da Turquia. Apesar do curto periodo da sua administração, deixou provas irrecusaveis dos seus talentos, e zêlo pelo bem publico em muitas reformas uteis, em mil exemplos de rectidão e desinteresse, e em varios melhoramentos materiaes do paiz.

O desastre de Peterwardein foi seguido da perda de muitas praças da fronteira turca. A propria Belgrado, apesar de bem defendida, depois de ser testemunha do aniquilamento de forças respeitaveis, reunidas á pressa pelo novo grão-vizir Khalil pachá, e enviadas em seu soccorro, abriu as portas aos allemães.

Em quanto o principe Eugenio espalhava o terror e a desolação na Bosnia e na Transylvania, era a Dalmacia talada pelas tropas de Veneza.

N'esta critica situação entregou Achmet III os sellos do imperio a seu genro Ibrahim pachá, que havia succedido na privança do soberano a seu cunhado Damad Ali pachá.

A paz foi julgada pelo divan e pelo novo ministro como o unico recurso de que se devia lançar mão

no meio de tão grandes calamidades. Entzobolaram-se immediatamente negociações com a Austria e Veneza; e no fim de muitas conferencias, vencidas bastantes repugnancias e difficuldades, assignou-se em Passarowitz um tratado de paz entre as tres nações belligerantes. Achmet III viu então recuarem-se as fronteiras do seu imperio, mas deu-se por feliz em conseguir o reponso mesmo com essas condições. Cedeu á Austria, Belgrado, Temeswar, a Valaquia até ao rio d'Aluta, e uma parte da Servia; e á republica de Veneza todas as praças fortes da Albania.

Desassombrados o sultão e o seu ministro dos cuidados da guerra, voltaram todas as suas attensões para os negocios interiores. Trataram de regularisar a fazenda publica, que se achava em bastante desordem; e por uma serie de medidas bem combinadas cohibiram muitos abusos e irregularidades, que ultimamente se haviam introduzido na administração do estado.

Em 1720 renovou-se o tratado do Pruth. Estabelecia-se n'esta ampliação paz perpetua entre a Russia e a Turquia. N'esse mesmo anno foi enviado a Paris Mahomet Effendí com o caracter ostensivo de embaixador, mas encarregado da missão secreta de estudar a politica das potencias christãs, e de conhecer o verdadeiro estado dos negocios da Europa.

A guerra civil, que rebentou na Persia no anno de 1722, suscitou ao grão-vizir a idéa de se aproveitar d'esse estado anarchico para o engrandecimento da Turquia. Porém ao mesmo tempo concebia o czar iguaes planos de ambição sobre aquelle paiz. A Persia viu-se pois invadida simultaneamente pelos exercitos turco e russo.

Não contava Ibrahim pachá com similhante competidor. Queixou-se do procedimento do czar, mas vendo baldadas as suas queixas, por quanto a invasão turca não assentava sobre melhor direito do que a russiana, resolveu-se a negociar com o imperador Pedro I a divisão da Persia. O tratado expoliador foi concluido e assignado em 24 de julho de 1724. A França, que procurava ganhar as sympathias do sultão, fez servir o seu embaixador, marquês de Bonnac, de mediano n'esta immoral negociação. Em conformidade com este tratado proseguiram ambas as potencias na campanha começada, apoderando-se do territorio, que haviam cedido uma á outra.

Nos fins do verão de 1725 estava a Turquia de posse d'Erivan, da provincia de Louristan, e do mais territorio consignado no acto da partilha. E como a guerra civil continuasse n'aquelle paiz, Achmet III, interferindo em favor de um dos pretendentes do throno, obteve d'elle, em troca do triumpho que lhe attingou, a cessão das terras conquistadas pelas armas ottomanas.

Este passo errado da politica turca, que trouxe ao imperio uma precaria indemnisação das perdas soffridas na ultima lucta com a Austria e Veneza; e que pela injustiça da aggressão tirou ao sultão e ao seu governo tanta força moral, foi seguido de muitas calamidades. O espirito revolucionario tornou em breve a levantar cabeça. O Cairo e a Criméa foram o theatro de serias desordens. Em Erivan, em Azof, na Asia Menor, e em muitos outros pontos do imperio rebentaram as sedições umas apoz outras.

Tão continuos alvoroços foram precursors de um movimento de mais graves consequencias. Um corpo de exercito reunido em Scutari, e destinado a operar na Persia, onde a prolongação das discordias civis chamava pela segunda vez a intervenção ottomana, revoltou-se ao divulgar-se a noticia de que o governo havia tomado um accôrdo pacifico. A insurreição communicou-se á capital. Principiou como to-

das as outras pedindo a demissão dos ministros, e depois a sua cabeça. Acabou como as mais exigindo, depois de forte e ensoberbecida com as concessões, a deposição do soberano (16 de outubro de 1730).

Durou este reinado perto de 28 annos. Nascido no centro da mais desenfreada anarchia; correndo quasi sempre entre a guerra de inimigos poderosissimos, e a lucta interior de partidos encarniçados, que servindo de instrumentos de interesses alheios, desvirtuavam e enfraqueciam a todo o instante a acção governativa; teve a fortuna, mau grado de tantas e tão sinistras influencias, de atravessar todas essas situações difficeis e crises perigosas, sem impôr ao paiz maiores sacrificios do que a perda de algum territorio, que não tardava comtudo a ser compensado por novas acquisições. E assim deixou augmentado o imperio com a Moréa, e ilhas do archipelago, com Azof, e as provincias conquistadas á Persia.

Achmet III não foi um excellente soberano, posto que tivesse boas qualidades privadas. Mas diligenciava com esmero ter ministros habeis e honrados. E á boa escolha de alguns deveu a Turquia essas vantagens, que referimos, além de muitos melhoramentos sociaes e materiaes. A civilização turca fez n'este periodo bastantes progressos. Animaram-se as artes e sciencias. Introduziu-se a imprensa na capital. Fizeram-se na legislação muitas reformas exigidas pelos principios de justiça e de humanidade, e adoptaram-se singularmente os costumes com a practica d'esses mesmos principios, e por meio de um contacto mais facil com os estrangeiros. Os ministros deixaram de expiar com a morte os seus erros politicos, ou a infelicidade de haverem incorrido no desagrado do soberano. O proprio Achmet no seu infortunio deu solemne testemunho d'este melhoramento social. Expulso do throno, viveu tranquillamente 6 annos na vida privada, contando 63 quando falleceu.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

A FAMILIA DO SENHOR CAPITÃO-MÓR.

QUADROS DA VIDA DE PROVINCIA.

IV.

Está aberta a sessão. Tem a palavra a tia Genoveva. Sentada n'uma grande arca de castanho chapada, e com uma franqueza e familiaridade como se ha muitos annos nos conhecessemos, a boa da velha continuou a sua narração, a que eu tive a audacia de fazer perder todo o perfume popular, guindando-a ás alturas de um sentimentalismo verdadeiro, mas deslocado.

— «Assim Deus me não ajude,» proseguiu a tia Genoveva, «se não tinha entrado cousa má n'esta casa.»

— «Deixe-se d'isso, tia Genoveva, o que Deus faz é sempre por melhor.»

— «Credo! Mas a verdade-verdade é que não sei que peccados aqui houvessem. Elle, coitado! o que já deu contas a Deus, era como se via. Quem quizesse boas palavras era procural-as n'aquella bôca; e boas acções esperal-as d'aquelle coração. Não era cá d'este mundo, não era, por isso se foi...»

E n'isto as lagrimas rebentavam-lhe a quatro e

quatro, sem que ella as pudesse suster. Com as costas da mão procurava limpá-las, mas eram tantas que se não occultavam assim.

— «Olhe, senhora Genoveva, lagrimas dizem saudades, mas não remedeiam desgraças. O melhor é conformar-se com a vontade do céu.»

— «Isso é bom, para quem tem poder em si, que eu cá não tenho. Vel-os, como eu os vi, a amarem-se d'aquella maneira, a quererem-se como dous anjos, que ali não havia maldade, e depois vir a doença, e levar um, e deixar assim a minha senhora viuva antes de casada, é idéa com que me não sei conformar.»

— «Pois faça a diligencia, que o tempo para tudo é remedio.»

— «Não é. A senhora morgada está velha, pode morrer de um dia para o outro, e ahí me fica a minha pobre menina, sem mãe que lhe dê conselhos, e sem um braço de homem, que a proteja e defenda como ella merece.»

— «Fica-lhe vocemecê; aconselhe-a, que a senhora D. Magdalena ha de ouvir-a; quer-lhe quasi tanto como á mãe, ha de respeitá-la.»

— «Mas se eu já não presto para nada!... Diz-me o coração, que não mente, que o inverno que vem, já eu hei de estar aonde ella me não pode ouvir.»

— «Pode e ha de. Que nem Deus a leva sem que a senhora D. Magdalena esteja casada; nem, quando levasse, a gente se esquece assim de quem morre.»

— «Isso é que esquece. Longe da vista, longe do coração. Tambem era muito desejar... o sentimento repartido não é sentimento!...»

A velha dispunha-se a contar-me toda a chronica sentimental da familia do sr. capitão-mór, quando eu entendi que o dialogo devia acabar, com aquelle incisivo aphorismo do «sentimento repartido não é sentimento.»

Dei as boas noites á senhora Genoveva, e dispunha-me a dormir pacificamente até ao outro dia, quando o major me veiu impedir esta rasoaval determinação. Antes de acabar de retratar aquelle benemerito discipulo de Marte, convem informar o leitor, se eram ou não fundados os receios da velha Genoveva sobre o futuro da senhora D. Magdalena. Nós cremos piamente que não. A filha mais velha da morgada, apesar de educada na provincia, tinha a volubilidade amorosa da maior parte das raparigas da sua idade. Paixão verdadeira tivera aquella; agora podia ter uma outra inclinação de momento, mas um amor sincero isso é que não. Requestada como o leitor já viu por um velho agiota retirado, Magdalena dispunha-se a tomar o logar de Rachel, e a fazel-o servir como Jacob, por sete annos, para talvez por fim lhe darem Lia. E eu vi o agiota deliberado, pela primeira vez em sua vida, a desperdiçar aquelle capital de tempo sem esperanza de juras provaveis. Já o leitor pode colligir, que os romanticos amores de Magdalena haviam de vir a acabar n'um casamento com algumas acções do banco, decoradas com o titulo prosaico de baroneza de tal.

Desvanecidos os terrores da pobre velha, cumpreme agora registrar aqui a deliberação tomada pela morgada, sobre as viagens do senhor seu filho. O capellão optava por uma excursão á Terra-Santa, e depois de estafar o testemunho de Chateaubriand e Lamartine, que nunca lêra, concluiu emphaticamente os seus conselhos com uma prelecção de lavra propria sobre o frondoso dos cedros do Libano. O major, versatil e affectando um valor que Deus

lhe não déra, apontava como mais aventuroso e digno de commemoração um passeio até ao paiz dos hottentotes. A morgada, como senhora prudente, e querendo achar o meio termo entre duas tão oppostas opiniões, deliberava-se por uma viagem até Sevilha, aonde tinha correspondentes seguros. Foi depois de vencido pela votação, que o major me veio procurar, entretendo-me, quasi que até pela manhã, com a narração briosa dos seus feitos militares. Como magras e enfiadas que eram as façanhas do nosso heroe, tem lugar de sobejo no começo do capitulo seguinte, com que tenciono terminar esta narração.

(Continúa.)

L. A. PALMEIRIM.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

XXXII.

Mesteres.

O corpo da governança municipal do antigo regimen era composto de tres diversos elementos, que respectivamente correspondiam ás tres classes, em que se achava dividida a sociedade civil; d'esta maneira: 1.^o os juizes e vereadores, representantes da classe da nobreza; 2.^o o procurador do concelho, representante da classe media, ou burguezia; 3.^o o collegio dos *mesteres*, de cujo gremio saíam os procuradores, tambem ditos dos *mesteres*, representantes, como o indica o seu nome, da classe plebea, e que exercia os *mesteres* ou officios mechanicos. Esta ultima classe porém não foi representada sempre nos municipios desde o principio; addicionou-se posteriormente á governança, e em cada concelho por sua vez. Comtudo remonta esta instituição á idade media, ao menos nas terras principaes.

Quando este elemento democratico fosse introduzido na constituição municipal de Arrayolos não o pude apurar com certeza; mas julgo não errar assignando-lhe a epocha do meado do seculo 16.^o (1). Foi então que os duques de Bragança por suas provisões concederam aos do povo d'esta villa, que pudessem usar de algumas cousas particulares, quer dizer, de alguns privilegios, os quaes todavia, ou por não serem então bem explicitamente definidos, ou por acharem naturalmente resistencia nos homens da antiga governança, não livravam os do povo de algumas vexações. Para maior segurança pois requereram os interessados ao duque novamente lhes concedesse todos os regimentos, que havia dado aos do povo de Borba; e o duque, deferindo a esta supplica, mandou passar em Villa Viçosa, a 4 de junho de 1567, o regimento que contém as seguintes disposições.

Primeiramente que haja na villa de Arrayolos doze homens do povo, assim e da maneira que os ha na

villa de Borba, os quaes se elegerão pelos juizes com escrivão, e depois que assim forem eleitos haverão juramento em camara que bem e verdadeiramente servirão de *mesteres*; e servirão de tres em tres annos, com tal declaração que os que acabarem de servir os ditos tres annos, não sejam admittidos na eleição, que se fizer para os outros tres seguintes: e tanto que forem eleitos com os ditos juizes e escrivão, elegerão d'entre si dous procuradores, que sirvam em cada um anno, os quaes serão privilegiados o anno, que assim servirem de todos os encargos do concelho (2). Que os ditos procuradores estarão dentro nas camaras, em quanto as fizerem, para requerer as cousas do povo; e serão ouvidos nas que os juizes e vereadores quizerem ordenar; e porém não estarão dentro na camara ao ler e despachar dos feitos, que n'ella se houverem de despachar, de appellações, e quaesquer outros, que não pertencerem ao governo da terra. E assim estarão presentes os dous procuradores ao lançar das fintas, e no fazer dos roes, e saccadores do dinheiro, e á conta, receita e despeza, para requererem que se deposite o dinheiro, que sobrar, e se não gaste indevidamente, nem se consuma nas mãos dos officiaes, que as lançam, sem lhe ter tomado conta. E quando houver repartição de pão na villa, ordene-a o ouvidor com os officiaes da camara, e estará um dos doze para o povo ser provido por elle. E para evitar alguns inconvenientes ha por bem o duque que os dos mesteres possam ter carnicheiro, que talhe separado, e os proveja das carnes, que lhe forem necessarias pelos preços, que na dita villa puderem cortar; e um dos ditos procuradores repartirá a dita carne pelo povo, sem os almotacés, ou alguns outros ministros de justiça se intrometterem n'isso, nem introduzam no seu talho. E em quanto assim repartir terá vara vermelha, que se lhes dará na camara ao tempo da eleição, com declaração que a não poderão ter mais que em quanto repartirem a dita carne, e forem e vierem do açougue. E poderão pôr penas ás pessoas, que na dita repartição lhe desobedecerem, até quantia de cem réis, e executar-as para as obras do concelho. E os gados do seu carnicheiro pastarão onde pastarem os dos carnicheiros da villa, e ter-se-ha com elles a mesma maneira. E assim do pescado, e quaesquer outros mantimentos, que vierem á terra, se lhes dará sempre metade, a qual os ditos procuradores repartirão na maneira que acima é declarada. E para serem melhor guardadas as heranças e bemfeitorias, os doze dos mesteres com os ditos juizes poderão eleger escrivão apto e sufficiente; e quando houverem de correr a terra, o farão somente tres ou quatro dos doze com o dito escrivão: e todo o gado e bestas, que acharem em logares coimeiros, o poderão trazer ao curral; e se executarão as penas conforme as posturas do concelho, das quaes penas será a terça parte para o rendeiro, que tiver a renda arrendada, e a outra terça parte será para elles a despenderem no que cumprir a seus cargos. E porque a não consumam em outra cousa, terá o seu escrivão um livro, assignado e numerado por um dos juizes, no qual carregará em receita sobre os seus procuradores o seu terço, que receberem d'esta parte das ditas coimas, e lhes fará d'elle despeza, para

(1) No preambulo do regimento dos mesteres, dado pelo duque de Bragança D. João I, em 4 de junho de 1567, se affirma que elle, e o duque seu senhor, que Deus tem, D. Theodosio I, concederam aos do povo da dita villa de Arrayolos que pudessem usar de algumas cousas particulares. O duque D. Theodosio I governou o estado de Bragança desde o anno de 1532 até o de 1563.

(2) Notará o leitor que o collegio ou casa dos mesteres se limitava em Borba, Arrayolos, e outras semelhantes terras pequenas a doze individuos; quando em Lisboa, Evora, e mais terras principaes se compunha de vinte e quatro, como está indicando o nome, que ali se lhe dava, de casa dos vinte e quatro.

o duque lhes poder mandar tomar conta d'isso quando quizer (1).

O duque D. Theodosio II não só confirmou este regimento em Villa Viçosa a 31 de janeiro de 1609, mas acrescentou outras concessões na forma seguinte: Que de todo o gado e bestas, que os do *povo miudo* da villa de Arrayolos trouxerem d'aquí em diante ao curral pelo acharem em logares coimeiros, sejam pagas logo á porta do curral as coimas e penas, em que incorrerem, sem sobre isso se acceptarem penhores, nem outra caução. E as coimas, que elles d'aquí em diante acharem se partam pela maneira seguinte: um terço d'ellas será inteiramente para a fazenda d'el-rei, ou rendeiros das terças do reino; outro terço para os ditos doze; e o outro para a camara da dita villa, do qual terço se dará aos doze um terço para as despesas da bolsa, e os outros dous terços d'este terço ficarão para a camara, como dito é, ou para o rendeiro do *verde* (2), se assim parecer aos officiaes, que arrendarem a renda do *verde*, a qual se arrendará d'aquí em diante com esta declaração. E assim praz ao duque, por quanto estão assim providos na villa de Borba, e outros logares (3).

Com estes regimentos se apresentaram os procuradores dos mesteres em camara a 26 de dezembro de 1609, e os officios d'ella lh'os mandaram cumprir e registrar (4); e do seu conteudo terá visto o leitor, que todas as disposições d'elles se podem reduzir aos quatro pontos ou capitulos seguintes: 1.º forma da eleição do collegio ou casa dos doze, e dos dous procuradores d'entre elles; 2.º assistencia aos actos da camara, e com que attribuições; 3.º faculdade de terem carniceiro para a sua classe dos mesteres, em separado do dos nobres; e bem assim metade do pescado e mais mantimentos, com a acção respectiva para tornarem effectivo este privilegio; 4.º jurisdicção de encoimar os gados e bestas, que contra as posturas entrassem nas fazendas, com o methodo da repartição e applicação da importancia das coimas, que assim impozessem.

Agora vejâmos os *mesteres*, os *almotacés do povo miudo* (5), no exercicio d'estes seus privilegios. No principio do seculo 17.º arrematava-se a carniçaria do *povo miudo* em separado da dos nobres, ou *povo grosso*, com a vantagem ainda do abatimento de um real em cada arratel de carne (6). E não só disfru-

ctavam os *mesteres* esta vantagem, mas ainda se intromettiam na arrematação da dos nobres, e aggravavam dos vereadores se davam a sua propria carniçaria sem as solemnidades legaes (7). Com o tempo limitaram-se a esta ultima prerogativa, e cessaram de arrematar a sua carniçaria á parte.

Poucos annos haviam decorrido depois da confirmação e extensão de seu regimento e privilegios, e já os *mesteres* recuavam diante dos *poderosos* no que tocava á jurisdicção de impôr e cobrar as coimas. Eis o que os dous procuradores e um dos mesteres requeriam em camara de 11 de fevereiro de 1623: «Que as heranças se destruam com gados dos homens poderosos, e que elles mesteres se não atreviam a guardal-as com medo d'elles, por que lh'os tiravam, e lançavam fora do curral, e os affrontavam de palavras sobre tudo, e não recebiam dos ditos poderosos nenhuma cousa das coimas: pelo que se suas mercês não deferiam a seu requerimento, elles não se atreviam a guardar as ditas heranças; pelo que elles mesteres queriam guardar as heranças, e fazer os assentos sobre os ditos poderosos, e que não queriam parte nem quinhão das coimas dos poderosos, que são damninhos, e que em todo dão á camara e a sua magestade a coima inteira... e os ditos officiaes da camara lhe mandaram que assim o fizessem como o requeriam (8).»

Todavia nem em tudo eram mal succedidos. Os livros das vereações estão cheios de propostas de sua iniciativa sobre varios pontos de interesse communal, e de agravos por elles interpostos contra resoluções da camara, quando estas não eram conformes aos interesses da sua classe. Em varios capitulos d'estas *memorias* encontraremos outros exemplos da sua intervenção nos negocios publicos do municipio, que completarão, quanto ser pode, a historia d'este elemento democratico na governança municipal. Tinham logar em camara em assento raso, inferior ao dos vereadores e procurador do concelho. Acompanhavam tambem a camara nos actos e funções publicas; e na igreja sentavam-se em banco raso por detraz dos officiaes da camara. Nos ultimos tempos os seus actos eram dirigidos apenas por usos e estylos; e havia-se perdido a memoria do regimento, a ponto que em vereação de 9 de março de 1816 se concordou que se pedisse a S. A. R., pela junta do estado da casa de Bragança, um traslado do regimento dos *procuradores do povo*, pois que se desencaminhou (diz a camara) o que consta havia no archivo da mesma camara (9). Ignoravam que estava registado no logar acima apontado. A junta de Bragança não pode satisfazer ao pedido, por se ter consumido o cartorio da casa no terremoto de 1755; falta esta, que a camara não lamentou, antes ficaria pouco gostosa se resuscitasse o regimento, e os mesteres pugnassem por seu rigoroso cumprimento.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

(1) Liv. das vereações de 1609 a 1610, fl. 129 v.

(2) As coimas impostas aos que transgrediam as posturas feitas com o intento de impedir o damno e malfetorias nas searas e terrenos cultivados, pertenciam á camara, a qual todos os annos arrendava o producto d'ellas por uma quantia certa. Dividiase para este fim o territorio rural em dous circulos, a cada um dos quaes correspondia uma renda. O circulo mais proximo da villa, que pela maior parte era formado de ferregeaes, hortas, pomares, vinhas, e outros grangeios de pequena cultura, constituia a renda do *verde*, por ser na estação, em que as plantas estão verdes, que era necessaria toda a vigilancia do *rendeiro*. O outro circulo, mais distante da povoação, comprehendia as herdades e terrenos destinados a grande cultura, com seus pastos, searas, mattas e arvoredos, e se chamava do *matto*, e ao seu *rendeiro*, o *rendeiro do matto*.

(3) Liv. das vereações de 1609 a 1610, fl. 129 v.

(4) Liv. dito, fl. 111.

(5) Assim se lhe chama no auto de sua eleição de 30 de janeiro de 1610. (Liv. das vereações, fl. 139).

(6) «Só querem (os procuradores dos mesteres)

que elle dito N, corte a carne de todas as rézes, miada e grossa, por menos um real por arratel que o carniceiro do *povo grosso* cortar; e o dito N. disse que era contente de acceptar a dita carniçaria do *povo miudo* da mão dos procuradores dos mesteres etc.» diz o termo de arrematação de 21 de março de 1610 (Liv. das vereações, fl. 150).

(7) Liv. das vereações 1600 a 1601: 1602 a 1604: 1609 a 1610 etc.

(8) Liv. das vereações de 1621 a 1624, fl. 172.

(9) Liv. das vereações de 1808 a 1818, fl. 114.

INSTRUÇÃO PUBLICA E DESENVOLVIMENTO
INTELLECTUAL NA GRECIA.*Universidade Othoniana.*

CONTA trinta professores, d'entre os quaes pertencem dous á faculdade de theologia; seis á de jurisprudencia; nove á de medicina, e treze á de philosophia. Possui além d'isso um numero consideravel de oppositores. Vinte d'aquelles professores estudaram nas universidades de Allemanha, nove em França, e um em Italia. Em quanto á sua origem, vinte e tres são gregos, porém pertencentes aos districtos não comprehendidos no reino da Grecia; dous são do mesmo reino, e cinco allemães. Desde 1834 têm-se matriculado como estudantes cento e noventa e dous individuos; vinte e quatro em theologia, sessenta e dous em jurisprudencia, cinquenta e outo em medicina, e quarenta e outo em sciencias philosophicas. D'estes cento e noventa e dous estudantes, noventa e dous concluíram os estudos; outros continuam a estudar sem interrupção; noventa e cinco estudantes são naturaes do paiz, e noventa e sete são gregos nascidos fora do reino. Além d'estes estudantes propriamente ditos, que terminaram os seus primeiros estudos nos gymnasios do reino, e que obtiveram em virtude de um exame o competente diploma, ha mais cento e trinta e tres assistentes ou ouvintes, classe excepcional de individuos academicos, entre os quaes se encontram cento e doze funcionarios publicos, que não tendo tido oportunidade, durante a guerra da independencia, de adquirir os conhecimentos geraes necessarios, procuram fazel-o agora, tendo recebido para este fim auctorisação especial do governo, e resarcindo o tempo perdido em quanto lh'o permite a idade e destinos.

Gymnasios.

Deverão formar-se tantos gymnasios, quantas são as *nomarchias* ou districtos que ha no reino; porém como a Grecia ainda não possui sufficiente numero de mestres para effectivamente realisar este vasto projecto, não tem podido formar-se até agora mais de quatro gymnasios.

1.^o O gymnasio de Athenas (antes em Egina) a que está adjunta uma escola hellenica. Estes dous estabelecimentos reunidos contam dezoito professores, mestres ordinarios e extraordinarios (outo pertencem ao gymnasio, e dez á escola hellenica), e reúnem outocentos discipulos. A direcção de ambos os estabelecimentos está confiada ao gymnasiarca Gemnadios; a escola hellenica tem além d'isso um ajudante subordinado ao gymnasiarca. O gymnasio de Athenas é ao mesmo tempo uma verdadeira escola normal pratica para as escolas hellenicas, e os mestres e sub-mestres, depois de haverem ensinado n'ella dous annos, pelo menos, se repartem pelas diferentes escolas hellenicas do reino com o character de ajudantes, ou como professores; e os logares d'estes são occupados em Athenas por outros mestres, que havendo já terminado os seus estudos de gymnasio, tem tambem concluído os seus tres annos de universidade.

2.^o O gymnasio de Nauplia, fundado em 1834, a que está igualmente aggregada uma escola hellenica, teve ao principio um brilhante resultado; porém caiu em pouco n'um estado miseravel, e contava só um pequeno numero de discipulos, até que ultimamente se reorganizou em 1841, sendo confiada a sua direcção ao dr. Anselm. Hoje tem este gymnasio seis professores, e um numero sufficiente

de mestres e ajudantes. Graças a esta nova organização o estabelecimento apresenta uma nova phase: hoje rivalisa em actividade com o gymnasio de Athenas, e conta mais de duzentos alumnos. Podemos assegurar que estes dous gymnasios competem já com a maior parte dos gymnasios de segunda classe de Allemanha.

O gymnasio de Sira, que igualmente tem annexa uma escola hellenica, existia já n'esta ilha no anno de 1833, como instituição peculiar ao districto de Chios; porém em 1835 ou 1836 foi necessario reorganisal-o na forma do gymnasio real. O estabelecimento conta no seu gremio cinco professores (para o gymnasio), tres mestres (para a escola hellenica), e duzentos e cinquenta e cinco alumnos. Este gymnasio é incontestavelmente o melhor depois dos de Athenas e Nauplia.

O gymnasio de Patras não é em realidade mais que uma escola hellenica aperfeiçoada, com o titulo de gymnasio. Os mestres são activos e habéis, porém é mui limitado o seu numero, e o estado não tem ainda os recursos necessarios para tornar este gymnasio quasi nominal verdadeiramente prestante. O governo propõe-se dar a este estabelecimento, logo que as circumstancias lh'o permittam, toda a extensão conveniente.

Escolas hellenicis.

Existem cinquenta e quatro escolas d'esta classe, tres das quaes, a de Athenas, Nauplia e Sira, estão incorporadas aos gymnasios d'estas cidades, vindo a constituir de certo modo as classes inferiores d'estes mesmos gymnasios. Tiveram origem estas escolas em 1833 e 1834; pois então foi quando, ao fundarem-se os gymnasios de Egina e Nauplia, se aggregou ao mesmo tempo a cada um d'elles uma escola hellenica. Conforme o plano primitivo, deveram fundar-se tantas escolas hellenicis, quantas *eparchias* (provincias) houvesse no reino. E existindo já cinquenta e quatro escolas d'esta classe, comprehendendo as aggregadas aos gymnasios, parece que o fim do projecto está conseguido, e que cada *eparchia* contém pelo menos uma escola hellenica. Contudo não succede assim; muitas *eparchias* contam mais de uma escola, como por exemplo, a Attica, que tem uma em Athenas, outra no Pireu, outra em Maratona, e outra em Salamina; em quanto outras *eparchias* carecem absolutamente d'ellas.

É mister comtudo observar que estas escolas não se acham todas em um estado satisfactorio, nem são todas sustentadas pelo governo. Só as escolas de Athenas, Nauplia, Sira, Amphisa, Chalcis, Lamia, Tripolis, Sparta e Thera, têm o numero de mestres que se requer, e um ajudante para cada uma d'ellas. Todas as mais escolas hellenicis são incompletas no pessoal, pois não têm mais que dous ou tres mestres, e alguns carecem de ajudante. Pelo que toca á capacidade dos mestres é preciso observar que além das novas escolas mencionadas que se acham com o pessoal completo, ha algumas outras, que, apesar de não serem tão bem providas n'esta parte, dão sem embargo solido ensino, e têm mestres mui habéis. Porém desgraçadamente ha ainda grande numero de escolas de que se não pode dizer outro tanto. Em algumas, ainda que a capacidade dos mestres nada deixe a desejar, o seu numero não é sufficiente. O sr. Schinas, que conhece a fundo a materia, ter-se-ia resolvido a propor uma diminuição do numero de escolas existentes, afim de aperfeiçoal-as e completal-as, refundindo umas nas outras, se por outra parte não tivesse achado incon-

venientes de localidade que o impedem de realizar o seu projecto. Em fim, trinta e duas escolas d'estas, comprehendendo as aggregadas aos gymnasios, são costeadas pelo thesouro publico. Algumas outras, como por exemplo a de Argos, são mantidas pelo estado, e ao mesmo tempo pelos respectivos municipios; porém o maior numero são sustentadas só por estes, ou subsistem por meio de donativos e legados patrioticos.

Nas escolas hellenicis se ensina, segundo o permite o estado incompleto do seu pessoal, as seguintes materias: grego antigo; latim e francez; historia da biblia; historia universal; caligraphia; geographia; arithmetica e elementos de physica e historia natural. A lingua allemã ensina-se nos gymnasios.

O numero dos mancebos, que frequentam os gymnasios e escolas hellenicis, monta a quatro mil e quinhentos ou cinco mil.

Instrucção elementar e escolas primarias.

1.º Escola normal primaria. Este estabelecimento, fundado a 6 de fevereiro de 1834, está confiado ao desvelo de um director (hoje o sr. Kokkonis). Conta actualmente oito professores, que ensinam historia sagrada; religião; grego antigo; historia universal, e em particular a da Grecia; arithmetica; geometria; desenho; caligraphia; geographia; elementos de physica e historia natural applicados á agricultura, além da gymnastica e musica vocal; e finalmente a pedagogia e a didactica. Esta ultima sciencia se estuda principalmente por meio de exercicios praticos, que têm logar na escola de meninos annexa ao mesmo estabelecimento. A duração dos cursos de ensino na escola normal primaria, é de dous annos para aquelles que á sua entrada no estabelecimento possuem já alguns conhecimentos do antigo grego, e tres annos para os que carecem d'esta habilitação. O numero de alumnos da escola normal sobe annualmente de sessenta a oitenta, entre os quaes ha quarenta que recebem pensões e meias pensões do governo, com a obrigação de se consagrarem ao ensino publico.

Esta escola fornece annualmente trinta candidatos para as funcções de mestres de instrucção primaria: até ao fim de 1839 duzentos e cincoenta e cinco alumnos tinham obtido titulo de habilitação para o magisterio. E de esperar que dentro de alguns annos o pessoal de bons mestres será sufficiente para prover a todas as escolas primarias nos diferentes districtos do reino.

(Continúa.)

L.

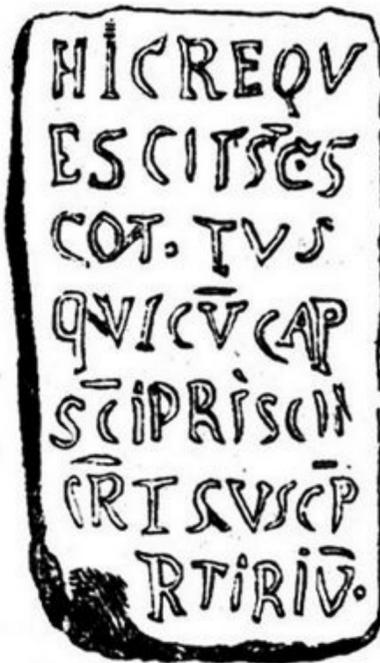
INSCRIPÇÃO DE S. COTTO E S. PRISCO.

CORRIA o anno 270 da nossa era. O feroz Aureliano, que então se sentava no solio de Augusto, projecta extinguir a religião do Crucificado, cujos adeptos cresciam á medida da perseguição que se lhes fazia. Com aquelle intuito expede emissarios á Gallia, onde o christianismo mais espantosamente progredia. Ao pais de Auxerre coube em sorte Alexandre, digno confidente de Aureliano. Chega aquelle a uma povoação chamada Touci: grande numero de christãos ahi se achavam reunidos, entoando piedosos canticos ao Senhor. Alexandre, cheio de coera, ordena-lhes que prestem, sob pena de morte, cultos a Jupiter.

Então Prisco, que guiava aquelle povo no caminho da salvação, exclama com voz firme. «Meus irmãos, eis Nosso Senhor Jesus Christo, que abraçado com o estandarte da cruz se apresenta no meio de nós, dizendo: «Que aquelle que me quizer servir, me imite e siga.» A multidão responde unisona. «Nós te comprehendemos, padre. A vontade do Senhor seja feita!»

Immediatamente os soldados de Alexandre investem com os indefezos christãos. Prisco é morto á espada; muitos são assassinados com elle; e Cotto, que pudera fugir para os bosques, levando consigo a cabeça do glorioso Prisco, lá mesmo recebeu o martyrio das mãos dos sanguisedentos executores da vontade imperial.

Este facto, narrado em um manuscripto reproduzido na collecção dos Bollandistas, confirma-o a inscripção, que a gravura representa, e cujo original existe ainda hoje na pequena igreja de Saint-Bris em França. E em latim, e lê-se do seguinte modo: HIC REQUIESCIT SANCTUS COTTUS, QUI CUM CAPITE SANCTI PRISCI MARTYRIS SUSCEPIT MARTYRIUM.



Esta inscripção é evidentemente coeva do successo, que n'ella se refere, e por isso de um valor historico e archeologico extraordinario. Attribue-se com fundamento a descoberta e restauração da sepultura de S. Cotto e S. Prisco ao bispo, que occupava a sede de S. Germano entre os annos de 418 a 448.

BIBLIOGRAPHIA.

Estudo moral e politico sobre os Lusíadas, por José Silvestre Ribeiro. 1 vol. em 8.º francez, de 250 paginas. Edição mui nítida da Imprensa Nacional de Lisboa.

Recommendamos a leitura d'este opusculo, que se acha já á venda na livraria do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8. Preço 600 réis.

— A certeza de que a vida é breve deve excitar o homem a proseguir activamente em qualquer coisa que empreehenda. É certo que a morte pode cortar a mais veloz carreira; mas aquelle que assim é interrompido na execução de uma empresa honesta, tem ao menos a honra de acabar no seu posto; pelejou a batalha, sem lograr a victoria.

JOHNSON.